

Considerações iniciais sobre a clínica infantojuvenil: uma perspectiva fenomenológico-existencial

Apenas no mundo moderno, em que determinações tais como antecipação, controle e normatização adentram a vida, é que algo como psicoterapia faz sentido. As pessoas procuram hoje alcançar um modelo de perfeição ou normatização em que tudo e todos se tornam nivelados. Assim encontramos todos com os dentes perfeitamente posicionados e brancos; todos com cabelos lisos ou então perfeitamente cacheados etc. Tratamentos não são destinados apenas àquele que se encontra enfermo ou desequilibrado, também são incrementados para se alcançar o padrão de beleza estipulado em nossa época. A medicina, a odontologia, a cosmética e também a psicologia se encontram envolvidas pela lógica da necessidade de se produzir corpos e comportamentos belos, produtivos, equilibrados e perfeitos. Tudo isso de acordo com a norma vigente. Passamos a acreditar que somos totalmente livres para decidirmos se adotaremos ou não a imposição vigente, no entanto não é bem assim que as coisas se dão. Tomados pelo discurso do temor, temos medo de que se não fizermos tal como manda a publicidade não seremos bem sucedidos tanto profissionalmente como socialmente.

A psicologia clínica acaba sendo fortemente influenciada tanto em seus procedimentos quanto nos resultados por ela almejados, segundo seu modelo de normatização. A clínica psicológica infantojuvenil muitas vezes é requisitada por pais, escolas e médicos para que o psicólogo opere no sentido de adaptar, normatizar, enfim, modelar o jovem. Afinal, os pais não querem que seus filhos sejam malsucedidos profissionalmente e socialmente, e as práticas psicológicas aparecem nesse cenário como possibilidade de acionar reparações.

Ao enxergarmos a existência nas primeiras etapas da vida, comumente denominadas como infância e adolescência, tendemos a tomá-las como uma categoria da vida humana, ou seja, fase do desenvolvimento que possuem características próprias, tanto biológica quanto social e psicologicamente. Logo, nesse modo de entender o homem em seus

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

diferentes momentos de vida, pensamos nessas etapas como naturalmente dadas e, portanto, a-históricas. Não nos damos conta de que essa forma de pensar a infância e a adolescência diz respeito à ordem biopolítica que atualmente se instaura e prolifera em torno do consumo desenfreado de eternização da juventude, da saúde e do corpo perfeitos, assim como do psiquismo. E essa é a ordem vigente que se impõe por um poder velado e do qual compartilhamos de algum modo. A fase da adolescência e da infância decorrentes das teorias do desenvolvimento mantêm a ideia de que a infância e a adolescência são estágios evolutivos que evoluem até alcançar a maturidade, de modo gradual e contínuo.

Ao adotarmos uma perspectiva fenomenológico-existencial em psicologia, queremos resistir a esse poder invisível, mesmo sabendo que não há como escapar totalmente dele. Sabemos que, para tanto, precisamos conquistar algumas condições: 1 – enxergarmos a dinâmica constitutiva dos modos de ser em nossa época; 2 – recuarmos frente à tendência de nos entregar a tal dinâmica; 3 – estarmos em paciência para que possa ganhar liberdade aquele totalmente tomado pela dinâmica de nossa época.



A autora é sócia fundadora do IFEN, bolsista-produtividade CNPq.

Editorial

Neste segundo informativo após o relançamento do INFORMATIVO IFEN, em 2019, tratamos das duas etapas extremas da vida: infância e velhice.

Etapas como as demais que não passam esquecidas aos nossos olhos. Atentos aos conflitos e tensões existenciais próprios dessas fases da vida, chamamos a atenção àquilo que merece ser cuidado. Por esse motivo, finalizamos este informativo com um lembrete aos jovens. Convidamos a todos a resistir à indiferença nas relações que caracterizam o mundo moderno!

Elaine Lopez Feijoo

SITUAÇÕES CLÍNICAS EM DEBATE

Esse estudo diz respeito a uma modalidade de supervisão que alia a filosofia, a literatura e a prática clínica com objetivos de desenvolver o aspecto sensível da psicologia, terapeuta/clínico de modo a que ele (o clínico) se mantenha afinado as questões existenciais que chegam à clínica na voz do analisando.

Encontros mensais

Coordenação:

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo
Turma I - sexta: das 15h às 17h30
Turma II - sábado: das 9h às 11h30

Coordenação:

Myriam Moreira Protasio
Turma I - sexta: das 15h às 17h30

Coordenação: Elaine Lopez Feijoo
(situações infantojuvenis)
Turma I - sábado: das 9h às 11h30

GRUPO DE PESQUISA MORTE, SUICÍDIO E LUTO: ATENÇÃO DO PSICÓLOGO JUNTO À COMUNIDADE

Coordenação:

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo
Um sábado por mês
das 9h30 às 11h30

Formação Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial

O IFEN oferece três Formações a partir da perspectiva Fenomenológico-Existencial, todas dando maior ênfase na prática clínica sem abandonar a base teórica pautada nas filosofias da existência e na aproximação da experiência por meio da Literatura. Cada Formação corresponde a 254 horas, as quais podem ser usadas como parte das horas exigidas na formação do psicólogo.

Equipe IFEN

FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DE PSICOLOGIA E ÁREAS AFINS PARA ATUAÇÃO CLÍNICA EM SITUAÇÕES DE SUICÍDIO NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

O curso de formação de profissionais de psicologia e áreas afins para atuação clínica em situações de tentativa de suicídio surgiu da necessidade de atender a solicitação da WHO – Organização Mundial de Saúde e do Ministério da Saúde para que se criem ações locais destinadas a assistência de caráter multidisciplinar a pessoas que pensam em dar fim às suas vidas.

O curso tem como objetivo preparar psicólogos, estudantes de psicologia e áreas afins para o atendimento clínico em uma perspectiva fenomenológico-existencial, por meio dos estudos sobre suicídio.

FORMAÇÃO EM PSICOTERAPIA INFANTIL NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

O nosso ensinamento sobre a clínica psicológica com crianças se encontra em uma ordem daquilo que não se dá por uma mera repetição ou pela tutela do outro, mas como criação que resguarda o incontornável, o imprevisível e o inevitável da própria existência, de forma a que a própria relação clínica possa sustentar a transformação como possibilidade na existência e não como necessidade.

Para mais informações sobre datas e horários, acesse nosso site:

www.ifen.com.br/site/loja

Para também ficar por dentro de novidades sobre cursos, curta nossa página no FACEBOOK e INSTAGRAM.

FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Com o objetivo de tratar a clínica psicológica em um exercício de saber-fazer é que organizamos todo um conjunto de ensinamentos de modo a permitir que os participantes de nossa formação possam se apropriar desse modo de clinicar.

Não pretendemos ensinar modelos, dar lições. Queremos deixar aparecer possibilidades outras e também não nos esquivar de desafios que se encontram no bojo daquilo que é nossa pretensão. Com isso queremos defender a clínica psicológica como algo que acontece no âmbito de uma experiência peculiar. E, ainda mais, que é essa experiência que dá o tom, o sabor, o saber da clínica. Trata-se daquilo que os ingleses denominam know-how. Portanto, o nosso ensinamento sobre a clínica psicológica se encontra em uma ordem daquilo que não se dá por uma mera repetição, mas como criação que resguarda o incontornável, o imprevisível e o inevitável da própria existência, de forma a que a própria relação clínica possa sustentar a transformação como possibilidade na existência e não como necessidade.

Coordenação de Comunicação:
Psicóloga Elaine Lopez Feijoo
(CRP: 05/25783)

Coordenação Geral:
Psicóloga Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo
(CRP: 05/25783)

Responsável Técnica:
Psicóloga M^a Bernadete M. F. Lessa
(CRP 05/14890)

GRUPO DE ESTUDOS APROFUNDADOS EM SARTRE Carolina Dhein

Encontros mensais
Sábados – das 9h30 às 12h

Curso para professores

IV Curso de Atualização para Professores, alunos ex alunos IFEN



Entre os dias 27 de janeiro e 31 de janeiro de 2020 será realizado o IV Curso de Atualização para Professores, alunos ex alunos IFEN, com o objetivo de atualizar e aprofundar conhecimentos de professores que ministram disciplinas de psicologia fenomenológica e existencial em nível de graduação ou pós-graduação. O curso terá duração de uma semana, mas também serão ofertados módulos específicos.

O objetivo do curso é trazer aos professores de psicologia estudos, pesquisas e publicações que tenham como finalidade atualizar seus conhecimentos na perspectiva fenomenológico-existencial.

Em breve o lançamento do livro com os temas discutidos nos Cursos de Professores
biênio 2017/2018

Suicídio infantojuvenil e a clínica psicológica existencial

O Ministério da Saúde (2012) e o Mapa da Violência (2016) revelam que no período entre 2002 e 2012, as faixas em que as taxas de suicídio mais cresceram foram: dos 10 aos 14 anos (40%), dos 15 aos 19 anos (33,5%). Nesta faixa etária, o suicídio é considerado a segunda causa de morte, perdendo apenas para acidentes de trânsito. Nos EUA, a cada cinco dias uma criança de até 13 anos se suicida.

Consideramos que é preciso ampliar a discussão sobre o suicídio infantil e desmistificar a ideia de que crianças não cometem suicídio. Tema que merece mais pesquisas e debates para que se possa dar mais atenção ao fenômeno. Segundo Souza (2010, citado por Lemos & Salles, 2015), crianças até nove anos morreram por suicídio entre os anos de 2000 e 2008. E, ainda, enfatizam que a criança que comete suicídio encontra-se em sofrimento psíquico e que é importante investigar os fatores familiares, escolares e comunitários envolvidos. Kuczynski (2014) afirma que os estudos sobre suicídio infantil foram realizados por Casper entre 1788 e 1779, concluindo que o fenômeno não diz respeito a uma determinada época histórica e nem mesmo é localizado a uma determinada região. Segundo Shaffer e Fisher (1981, citado por Kuczynski, 2014):

Crianças e adolescentes que cometem ou tentam (sem êxito) o suicídio apresentam algumas características em comum: um terço dos que atingem seu intento apresentam histórico de tentativas anteriores, e quem executa essas tentativas pertence a um grupo de maior risco de suicídio bem sucedido *a posteriori*. (p. 248).

O nosso modo de pensar as situações de suicídio vão para além dessas determinações que se dão ao modo do cálculo. Recorremos a literatura para exemplificar o modo como pensamos o ato de pôr fim à vida. O romance *Os 13 porquês* de Jay Asher (2009) ficou bastante conhecido ao ser apresentado como seriado no Brasil. O romance conta a história de uma jovem chamada de Hannah Baker que dá fim à sua vida, alegando que não suportava ter de

lidar com a indiferença à dor do outro com que as relações se estabeleciam em uma pequena cidade americana. A obra é bem interessante no sentido que mostra todo o percurso de Hannah até chegar à consumação do ato de pôr fim à sua vida sem mencionar causas para o suicídio, nem culpabilizar os presentes na vida da protagonista. Uma leitura desatenta até pode levar a concluir que Hannah estava tentando se vingar pelo fato de ter enviado gravações a todos os envolvidos. No entanto, o autor deixa evidências de que não se tratava disso. Podemos afirmar também que a família estava desatenta, por estar passando por dificuldades financeiras naquele momento. No entanto, Hannah, em nenhuma ocasião, refere-se à situação da família como desatenção.

Ao final do romance, em uma cena onde a protagonista conversa com o orientador escolar – última tentativa de Hannah para ser acolhida – ele lhe diz:

— É uma opção, e é disso que estamos falando. Veja bem, uma coisa aconteceu, Hannah. Eu acredito em você, mas se não quer dar queixa e não quer confrontá-lo, você precisa considerar a possibilidade de seguir em frente, deixando isso para trás.

- Deixar isso para trás?
- Ele é da sua classe, Hannah?
- Está no último ano.
- Então vai embora no ano que vem.
- O senhor quer que eu deixe isso para trás. (...)
- Obrigada Sr. Porter. (Asher, 2009, p. 236).

Em conclusão, parece que Hannah não suportou algo que apareceu em todas as relações que ela estabeleceu antes de concretizar o ato de pôr fim à sua vida, ou seja, a indiferença – inclusive ela mesma se inclui nesse modo tão característico de se relacionar no horizonte histórico da modernidade.

Referências

- Ascher, J. (2009). *Os 13 porquês* (J. A. Lemos, Trad.). São Paulo: Ática.
- Lemos, M. & Salles, A. (2015). Algumas reflexões em torno do suicídio de crianças. *Revista de Psicologia da UNESP*, 14(1), 38-42.

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Kusmanic, M. (2010). *Suicide from an existential-phenomenological perspective*. University of Primorska, Koper, Slovenia, Draft Paper. Disponível em: <http://www.inter-disciplinary.net/wp-content/uploads/2010/10/mkuzmanicpaper.pdf>

GRUPO DE ESTUDOS APROFUNDADOS EM NIETZSCHE Flávio Breno

Encontros mensais
Sábados – das 9h30 às 12h

GRUPO DE ESTUDOS APROFUNDADOS EM HEIDEGGER Paulo Victor Rodrigues

Encontros mensais
Sexta-feiras – das 13h30 às 16h

GRUPO DE ESTUDOS APROFUNDADOS LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE LITERATURA Eduardo Campos

Encontros mensais
Sexta-feiras – das 13h às 15h30

GRUPO DE ESTUDOS APROFUNDADOS EM KIERKEGAARD Myriam Protasio e Eduardo Campos

Encontros mensais
Sexta-feiras – das 16h às 18h

Para os jovens não esquecerem

Gerônimo

Esse era o nome de seu melhor amigo. Tudo bem que ninguém o conhecia, sequer o via, mas já há algum tempo ele passara a ser o grande amigo do patriarca daquela família. Era com ele que conversava, ria de suas piadas imaginárias, saía para dar voltas pelas redondezas, tudo isso sob o olhar desconfiado de seus familiares. Filhos, noras e até alguns netos, já adultos, sentiam-se incomodados com a situação.

Após uma cansativa e acalorada reunião familiar, ficou decidido que Anselmo seria encaminhado a um psiquiatra. Deram-lhe a notícia sem nenhuma cerimônia e sem nenhuma possibilidade de contestação.

Anselmo morava em uma ampla e confortável casa, adquirida com muito esforço e trabalho e com a ajuda de sua falecida esposa. Foram quarenta e cinco anos de união, interrompidos por uma doença devastadora, que levou sua amada há três. Nesta casa moravam seus filhos, esposas e netos, atendendo ao último pedido de Pilar, que gostaria de manter a família unida. Ele concordou, pelo menos não viveria sozinho em um espaço tão grande.

Mas estava enganado. A correria do dia não lhe dava chance de participar da vida de seus familiares. Seu ritmo era mais lento, compassado. Seus filhos não tinham tempo, nem paciência para conversar, ou ouvi-lo. As noras nunca lhe deram muita atenção, muito menos os netos. Era um solitário dentro de uma casa cheia e movimentada.

Foi então que surgiu Gerônimo. Numa tarde chuvosa, Anselmo olhava a água escorrendo pelo vidro das janelas, sentado em sua confortável e quase centenária poltrona. Seu olhar fixo e perdido foi interrompido por uma simples e curta frase:

– Chuvinha chata, né?

O gelo estava quebrado. A partir daquele momento, Anselmo e Gerônimo tornaram-se parceiros inseparáveis. Almoçavam juntos, passeavam juntos e, principalmente, conversavam muito. Essas conversas eram o principal motivo de preocupação, ou melhor dizendo, irritação de seus parentes. Era comum os dois ficarem conversando até altas horas na sala de estar e, como Anselmo tinha problemas de audição, o bate-papo alcançava altos decibéis principalmente por causa das gargalhadas. Gerônimo era muito espirituoso.

– Seu pai me acordou duas vezes essa noite.

– Pai, não dá pra falar com o vovô pra ele parar de gritar de madrugada?

– Minhas amigas têm medo de vir aqui em casa. Dizem que meu vó é maluco.

– A gente precisa resolver esse problema. Não dá pra aguentar mais!

Diante de tantas reclamações e argumentos, fez-se a reunião, com o resultado já conhecido. Mesmo a contragosto, Anselmo decidiu colaborar.

Dia e hora marcados, compareceu ao consultório do psiquiatra, indicação de amigos de um de seus filhos. Após alguns minutos de um constrangedor silêncio, Anselmo tomou iniciativa e começou a contar sua história. Foi bastante fácil e lógico para o médico traçar seu perfil e traçar a linha de tratamento.

Foram muitas e muitas sessões, muitas e muitas dosagens de medicamentos, até que, em um determinado dia, assim como surgiu, Gerônimo desapareceu. Anselmo ficou preocupado. Será que ele ficou doente? Mas como encontrá-lo?

Resolveu esperar por notícias. Esperou, esperou e esperou. Ele nunca mais voltou.

Seus filhos, exultantes, entraram em contato com Alfredo, para agradecer os resultados do tratamento.

Marco Antônio Hecksher

Orgulhoso, o psiquiatra deitou elogios ao seu próprio trabalho sob o olhar embevecido dos irmãos.

Anselmo estava curado. Agora, não havia mais conversa até altas horas, com gargalhadas escandalosas, que atrapalhavam o sono de todos. Gerônimo não dera mais notícias, já tinha mais de um mês. O pobre velho agora ocupava seu tempo apenas com lembranças, cada vez mais confusas em sua mente. Vez por outra, ainda treinava alguns tipos de nó em cordas empoeiradas, que ainda guardava no seu velho baú de marinho.

Foi em um desses nós, muito bem feito, por sinal, que o filho mais velho encontrou Anselmo pendurado na imponente e bela viga de madeira que atravessava o seu quarto. Na escrivaninha, um amargo bilhete de despedida:

“Por causa de vocês, tornei-me um assassino. Matei meu único amigo, aquele que me escutava, que conversava e me fazia companhia, ria das minhas piadas e eu das suas. Formávamos uma boa dupla. Depois que sua mãe se foi, só ele me teve respeito e consideração e, mesmo assim, eu o eliminei da minha vida. Não posso mais viver com esse remorso. Parto para pagar pelos meus pecados”.

Espanto, consternação e sentimento de culpa invadiu a casa. As noras já pensavam em vender a casa e sair dali o mais rápido possível. A culpa ficou nas costas dos filhos. Teriam que carregar esse sentimento pelo resto da vida, principalmente depois que souberam do resultado da autópsia: Anselmo já estava morto há, pelo menos, três dias.



Este livro apresenta reflexões acerca do “gesto fenomenológico”, produzidas pelos membros do GT – Psicologia & Fenomenologia, da ANPEPP – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia. Criado no ano de 2013, este GT surgiu em decorrência do crescimento das interlocuções entre as diversas vertentes fenomenológicas e a Psicologia, em termos de pesquisa e intervenção, e com o propósito de consolidar o trabalho construído pelos pesquisadores da área durante as últimas décadas. Tem como proposta manter e ampliar uma rede de pesquisadores que, atualmente, envolve oito instituições, de cinco estados e distintas regiões do país, construída ao longo dos últimos vinte anos e que se constituiu, formalmente, desde a criação deste grupo.

Elza Dutra (Coordenadora) | Vera Engler Cury – PUC-Campinas (Vice-coordenadora)

Definimos nosso fio condutor na questão do ser e no problema da diferença ontológica, tal como formulado por Martin Heidegger, propondo um posicionamento crítico concernente às tendências técnicas e objetivantes presentes atualmente na psicologia clínica. Para tanto, nossa trajetória busca percorrer os principais elementos da obra do filósofo, culminando em uma tentativa de aproximação entre a meditação (*Besinnung*) e as práticas clínicas psicológicas orientadas na fenomenologia e hermenêutica. Assim, partimos da analítica existencial de *Ser e Tempo* rumo ao *Seminários de Zollikon*, esclarecendo, entretanto, o resgate da noção originária de *alétheia*, o projeto de desconstrução da ontologia tradicional e a essência do mundo técnico contemporâneo. Consideramos a meditação como um pensar capaz de nos apontar uma compreensão diferenciada sobre a psicoterapia. Presente isto, a tomamos como convite para uma nova postura com relação às práticas clínicas, onde a dinâmica psicoterapêutica pode se revelar enquanto movimento de apropriação de sentido fomentador e ampliador da liberdade existencial humana.



INFORMAÇÕES:

www.ifen.com.br/site/loja
edicoesifen@ifen.com.br
Tels.: (21) 2268-9907 / 2208-6473